

VISÕES DO PASSADO

GUSTAVO BARROSO

Da Academia Brasileira de Letras

É pena que eu não encontre em nossa língua expressão absolutamente perfeita para dizer da emoção de que me acho possuído — isto com a maior sinceridade — por ser recebido de forma tão carinhosa nesta Academia, que teve brilhantes tradições, depois desapareceu algum tempo e, como aqueles rios subterrâneos, de que nos falam alguns autores, volta agora á tona muito mais forte do que antes. Em seguida, por ser saudado, com tanta generosidade, por um espírito tão brilhante e culto, que me acostumei a admirar desde há muito, sobretudo por ser um homem cuja luminosa dignidade é uma lição ás gerações presentes. E afinal, por se realizarem todas estas coisas neste canto da cidade, que é um daqueles que não pode deixar de estar indelévelmente gravado na minha lembrança.

Ali, naquela esquina, num prédio de platibanda alta, com mezaninos, foi o meu colégio. Ali cursei três anos da série primária, sob a direção do saudoso professor Lino da Encarnação. Muitos cearenses ainda vivos foram meus contemporâneos. Na esquina em frente havia uma venda, de chão de terra batida, com calçada de tijolo, já desaparecida, a venda do “Lopicínio”. Quando a gente saía do colégio, ia lá comprar um tostão de biscoitos “FACÃO”, que não se fazem mais e que eu não posso mais comer. Lá está a praça batisada e crismada com vários nomes, mas que se chamava do Marquês do Herval. Havia dum lado o quartel de polícia e a Escola Normal, com a cavalaria no meio. A família Padilha morava do outro lado, e o velho Belarmino de Vasconcelos na outra esquina. No meio da praça, forrada de matapasto, cresciam carrapateiras, cobertas de salsa de flôres violetas em volta das ruínas dum famoso teatro que o govêrno jamais quis concluir, e foi necessário destruir, a dinamite, para ajardinar a praça crismada em Senador Nogueira Acióli. Rodeavam-na velhas mongubeiras e castanholeiras, dominavam-na os sombrios tamarindeiros seculares. Esse era o nosso recreio e campo de batalha, porque muitas vezes saíamos formados para combater contra o Colégio do Padre Barbosa de Jesus, que ficava na outra rua. Nesses combates tomávamos parte com os bolsos cheios de caroços de monguba, conduzindo na mão

Queria ver o berço da Sabedoria helênica, o do Direito Romano e o da Religião Católica. Com êsse intento fui à Itália, andei pela Grécia e me detive algum tempo em Constantinopla.

Em 1919 eu havia seguido em Paris um curso de História Bisantina na Sorbonne, ministrado pelos professores Diche e Ichlumberger, os quais trouxeram à tona nos últimos tempos a história da civilização bizantina. Seguiira êsse curso com muito interesse e havia comprado livros a respeito, mas gostaria de ver de perto aquilo que aprendera nas lições da Universidade.

Conforme meu costume, que é andar sem tomar notas, para não perder tempo, girei pela cidade de manhã. Saindo do hotel onde estava, atravesssei a famosa ponte de Galata. Subi uma rua, passei pela frente de Santa Sofia (?) e da mesquita Azul do Sultão Achmed; depois, alcancei uma praça bastante grande, onde se localizam as Faculdades da Universidade de Estambul. Nessa praça, há extenso capinzal, amarelecido pelo tempo, com areia escura, como a das praças da Fortaleza antiga. Ali ficava, no tempo do Império Bisantino, o célebre Hipódromo, feito de mármore brancos e rosados, coroados de estátuas esculpidas pelos maiores artistas da cidade. Ali se processava a vida política do império grego. O Hipódromo desempenhava o mesmo papel que hoje desempenham os estádios de futebol. Existiam duas torcidas, como se diz na gíria carioca, os azuis e os verdes, com fitas destas cores, que eram, ao mesmo tempo, partidos políticos e facções religiosas. No meio do Hipódromo ficava a construção chamada Spina, em volta da qual corriam as bigas e quadrigas, exibiam-se os lutadores, os dansarinos, os músicos e as feras.

Desta suntuosidade, que os autores antigos pintam com as cores mais maravilhosas, ornamentos de ouro, estátuas de mármore, luxo inaudito, nada mais resta, senão um capinzal, no meio do qual encontrei caída por terra uma coluna de mármore, ou melhor um troço de coluna de mármore, pouco maior do que o comprimento duma mesa, denominada serpentina, por ser composta de três fustes entrosados como serpentes, sem nada que os termine de um lado ou do outro. Sentei-me numa pedra e fiquei a meditar naquilo que disse aqui, a contínua e inevitável destruição do pensamento humano. Tinha eu ali, diante dos olhos, o mais antigo e mais nobre dos monumentos antigos. Aquela coluna fora mandada fazer por todas as cidades gregas reunidas. Devia terminar por três cabeças de dragão e ter também um pedestal, que desaparecera. Fôra feita por tôdas as cidades helênicas, como disse, e colocada no átrio do Templo de Delfos, como oferenda votiva, para lembrar e solenizar as três grandes vitórias dos gregos contra os persas: Plateia, Maratona e Salamina.

O império Bizantino morreu. Os turcos dominaram a cidade. Os mármorees desapareceram nas construções levantadas em volta do Hipódromo. Todo o Hipódromo foi reduzido até virar pó. O capim cresceu. Os

obeliscos, pirâmides, zimbórios de ouro tudo se acabou. Ficou sómente no meio daquele capinhal a oblata venerável de Delfos.

Então, pensei ali, para que norte nos vamos voltar, nós que assistimos a todas essas derrocadas? Para que sol, estrêla ou bússola devemos olhar, nós que vivemos numa época em que tôdas as forças da matéria procuram esmagar as fôrças do espírito? Nós, que somos os homens da palavra, do pensamento, só temos um norte para o qual podemos olhar e que nos salvará. Este norte é Deus, positivamente o Cristo, cuja doutrina nos foi imposta pelo nosso destino e recebida no berço com a água lustral do batismo. Escreveu Merejkowski que o Evangelho é amargo, mas que é necessário, muitas vezes, comer as coisas amargas porque são, quase sempre, muito salutares. O mundo, dizia êle, ou seguirá êsse livro ou será devorado por seus inimigos.

E ainda foi nessa viagem que recebi a última lição destas coisas. Numa tarde, às seis horas, porque meu hotel não dava pensão e era necessário comer num restaurante, atravessava a rua da Pera, como o fazia todas as tardes, para, a dois quarteirões de distância, tomar minha refeição no restaurante Abdallah. Havia na esquisa anterior sempre muito movimento. Eu vinha pelo passeio a olhar para o minarete de pequena mesquita ali situada, quando assomou lá em cima a figura barbuda de um velho. Parei e fiquei esperando que êle salmodiasse o anúncio da oração vesperal: "Deus é Deus e Maomé seu profeta." Várias vezes foi modulada essa oração. Poucas pessoas entraram na mesquita. Um guarda, de capacete inglês e farda européia, dirigia o tráfego intenso, indiferente ao grito do Profeta de Deus. A multidão passava rápida e indiferente também. As mulheres, desprovidas de véu, usando até shorts, andando para cima e para baixo, num indiferentismo absoluto. E aquêlê velho a gritar aquela oração. A única pessoa que lhe dava ouvidos era eu, um infiel á sua religião, um cristão peregrino do mundo infiel.

Sai dali meditando que aquêlê grito que representava uma religião, que nascera e se fizera á sombra das espadas, se derramara pela Ásia Menor, destruíra as províncias romanas, conquistara a Pérsia, mais de metade da Índia, as montanhas do Afeganistão, os planaltos do Pamir, o Turquestão chinês, todo o Arerbaidjão, chegando ao Cáucaso, penetrando o sul da Rússia; depois, estendendo-se pelo Egito e pela Africa do norte esteve quase 800 anos de posse da península ibérica, galgou os pirineus e fêz o mundo cristão estremecer.

Ninguém resistia áquela fôrça. Seus grandes califados se formaram. O mundo cristão foi tributário do seu comércio. Após a tentativa malograda das cruzadas e o desbordamento das navegações de lusos e espanhóis, começou a sua decadência. Seu poder foi minguando dia a dia e, agora, eu, representante da civilização occidental, chegava ali ao pé

daquela mesquita e era a única pessoa que prestava atenção áquele velho e ao seu brado ritual.

Naquele momento, como por encanto, desapareceu de meu espírito o pessimismo que o envolvia e diante daquela cena compreendi que a mão de Deus desfaz como espumas as Mecas que se levantam contra a espiritualidade cristã. Haviam-se apagado as ameaças do Alcorão á nossa civilização. As vagas por êle desencadeadas recuaram e ficaram reduzidas áquele e outros velhos muesins barbudos, abandonados, e solitários, repetindo um grito que sua própria gente não escutava mais. Quem sabe se outro peregrino como eu, em dias vindouros, não ficará um dia numa esquina do Krenlim a ouvir um orador proclamando as delícias do marxismo, sem que a multidão lhe preste a menor atenção.

Assisti áquela cena depois de haver assistido á canonização de Santa Maria Goretti, em Roma. Tinha visto o Santo Padre pronunciar a sua oração perante trezentas mil pessoas que enchiam as fraldas das colinas romanas, no meio da guarda suíssa, da guarda nobre, da guarda palatina, enquanto a própria mãe da santa presenciava essa canonização. A presença de sua Santidade proclamava que aquela religião tinha duas vezes a idade da outra que fora pregada para destruí-la. Lembrei-me, então, da frase célebre de mestre Emile Vellart: — "L'homme vetu de blanc est toujours lá", o homem vestido de branco continua lá.

Foi esta a lição que trouxe da mais longa caminhada que fiz desde o dia que comecei a dar os primeiros passos na vida.

Com esta lição de otimismo, vou continuar minha marcha já no decote da colina e na ladeira que leva ao eterno sono.

Muito grato sou a esta homenagem. Profundamente grato ás palavras generosas do meu distinto amigo Dr. Fernandes Távora e lamento, como já disse de início, que não haja em nossa língua uma expressão especial que me permita traduzir o que vai dentro desta alma de velho cearense.